



LUCIANO CANHANGA

ATURA – LITER - ATURA

ÍNDICE

- 01 - Maria Coragem
- 02 - Os anos do Tio Alberto
- 03 - A visão do Chico
- 04 - A grande marcha do Kambuta
- 05 - Também mereço ser feliz
- 06 – Baratos & Infernais
- 07 - Palavra minha
- 08 - A festa, a luta e o lixo
- 09 – revividas “aulas” da professora Gaby Antunes

MARIA CORAGEM



"Mamãs ou Manas Coragem" houve e há muitas. Cada uma no seu meio, seu tempo e no seu jeito. Anália V.P. foi corajosa ao ser a primeira dama a desejar governar todos os angolanos (depois das coligações de Njinga Mbandi). Mas será que terão faltado atrevimentos" semelhantes?

-Sempre houve. Faltaram os holofotes ou não precisaram de se manifestar, pois vejamos:

Uma senhora tem o marido doente. A guerra movida pela UNITA atinge a aldeia de Rimbe, no Libolo (comuna da Munenga). O filho mais velho está na casa-de-água(1) e não pode manter contacto com o mundo exterior (a comunidade).

Maria, a senhora, leva o marido ao hospital da Vila de Calulo e lá é transferido para o Sumbe. Na capital kuanza-sulina não tem familiares e ela nem tem dinheiro.

A saúde do marido degrada a cada hora que passa, receia o pior e decide levá-lo a Luanda onde tem um irmão e uma sobrinha que trabalha no hospital sanatório.

Para viajar era necessário destilar makiakia(2) cujo dinheiro, resultante da venda, serviria para pagar a passagem no autocarro da ETIM. Porém, um primo do marido, depois de embriagado, entorna o tambor da makiakia em destilação, mas a Senhora não desiste. Faz empréstimo e leva o marido a Luanda onde morre uma semana depois de baixa hospitalar.

Feito o funeral, volta viúva, desamparada, sem dinheiro, com dívidas por saldar e quatro filhos menores por cuidar. O mais velho, ainda na casa-de-água, tem oito anos e a menina mais nova tem dois. A tradição exige um novo funeral (fictício) e depois de um ano o sacrifício de um bode para tirar o luto.

Estávamos já no ano de 1984. A guerra aberta. Mais noites são passadas na mata, de baixo de chuva, mosquitos e outras feras, do que no casebre de pau-a-pique. Mãe e filhos refugiam-se na sede comunal da Munenga e no mesmo dia, 15 de Fevereiro, a UNITA ataca. Todos os haveres são levados pelos guerrilheiros e a família refugia-se na aldeia de Samba Caringe, onde por um mês vive a custa de trabalhos prestados em lavras de aldeões locais.

Com tudo perdido, Maria regressa, com as *mãos à cabeça*(3) à aldeia de origem (mais de 60Km). Junta forças, as últimas forças, junta trapos e arrisca a viagem para Luanda, com os filhos, onde o irmão os receberia.

Posta na capital angolana é-lhe dado um casebre de pau-a-pique, mas tem de se adaptar aos negócios madrugadores da capital angolana e sustentar os quatro menores. Abdica de amores e sustenta os filhos, ajuda o irmão mais novo desertado das FAPLA e sobrinhos abrangidos para a "vida militar".

Esmera-se nos negócios da fuba de milho, peixe frito e outros bens de primeira necessidade, comprados e revendidos na *candonga*(4).

Com a poupança melhorar as condições do casebre e junta dinheiro para recomeçar a vida destruída no campo.

Amenizada a guerra, em 1987, regressa à terra natal e recomeça a vida campestre, dividindo-se entre o campo e a cidade capital onde residem os filhos.

Esta Senhora anónima que responde pelo nome de **Maria Canhanga é ou não uma heroína? É ou não uma "mamã coragem"?**

Por isso digo: **Cada uma no seu tempo, no seu meio e com as suas armas.**

Na foto: Maria Canhanga à esquerda

1- iniciação masculina ou circuncisão

2- Também conhecido como Kaporroto. Bebida alcoólica destilada

3- mão vazias; sem nada

4- Venda ilegal ou informal (normalmente eram produtos desviados de lojas estatais no tempo da economia planificada)

OS ANOS DO TIO ALBERTO



É tempo chuvoso, Luanda está um charco. As ruas mais baixas transbordam como se o Kuanza tivesse sido desviado e desembocado Viana abaixo. Foi nesse clima que Alberto juntou dois dos dez filhos, sobrinhos, netos, genros e noras, parentes e amigos.

A casa, um improvisado num antigo descampado, quase que cede aos intensos farfalhos da natureza despuorada. São dois quartos, sala enfeitada à preceito e cozinha rodeados por uma vedação acastanhada dum zinco já de si ultrajado pela antiguidade. No Libolo, de onde é originário, se calhar nem haveria motivo para festa, pois todos os dias são de encontros familiares. É norma sobrinhos e filhos juntarem-se ao jango, ao redor do tio, mas aqui é excepção, sobretudo, quando não há casamento, nem alembamento, nem óbito, motivos de concentrações familiares.

A contrastar com o ambiente exterior daquela libata do Grafanil apenas a alegria que dos rostos transbordava. Garrafas de álcool e refrigerantes, pacotes de sumos, pinchos e churrascos se revezavam, de mesa em mesa, e, de canto em canto há um fogareiro vomitando fumaça para o ar, convidando quem por lá passasse, mas era tudo entre tio, filhos e sobrinhos que aos cochichos murmuravam conversas há muito adiadas e que aguardavam momento ímpar.

-E hoje que vamos pôr todas as makas em dia. Daqui em diante ninguém mais sabe quando é que todos estarão aqui ou noutra sítio com todos presentes, atirou Baronesa à multidão.

O tio carregado de responsabilidade que o título e a anfitrialdade lhe conferem vai, de quando em quando, buscando assuntos sérios para reflexão colectiva e busca de

solução, assuntos para conhecimento familiar e outros em jeito de baixar orientações.

- Phande, o Lumumba já está a beber e demias. Viste quantas cervejas já engoliu nos cinco minutos que está aqui? Dez! É preciso tomar medidas! setenciou evidenciando a calvície que lhe invade a cabeça oval.

A multidão nem tempo teve para reflectir e soltou gargalhadas.

Apenas o temor de uma chuva vespertina, com todas as suas consequências que lhe são conhecidas nos musseques luandenses, fez com que se começasse a pensar no retorno à casa. Mas antes de cortar o bolo do seu aniversário, Alberto Massaca entrou no quarto, trouxe na mão um saco preto contendo cadernos e foi chamando os netos, filhos das filhas e dos sobrinhos, um a um. Conhecia-os de cor como ninguém e todos o tratavam por Ti-Beto.

- Abdalá'!

-Ti-Beto!

-Em que classe estás?

- Sétima, ti-Beto.

- Bom menino, este meu chará. Sigam-lhe o exemplo. É o filho mais velho do meu sobrinho mais velho. Tem onze anos. Toma, Abdalá, cinco cadernos.

O rosário continuou de neto em neto, em função da classe que frequentava. Já era noite avançada quando se cortou o bolo do aniversário e para o bem dos convivas nem mesmo a impaciente chuva caiu naquele noite de poucas estrelas. Com o céu às escuras, sem energia da rede e com o gerador avariado as velas fizeram as honras da noite para o discurso que antecedeu ao corte do bolo.

-"Cdas! não é sempre que nos encontramos para, sem makas, tomarmos uns frascos e mastigarmos uns pedaços... Espero podermos cá voltar com lágrimas de alegria nos cinquenta anos do tio", sentenciou Phande, o sobrinho mais velho, interrompido pelo viva dos convivas, antes mesmo de lançar a pergunta da praxe:

- Hábitos para levar ou para deixar?

E assim se fez madrugada!

A VISÃO DO CHICO*



Ele era trabalhador agrícola na fazenda Israel. Em tempos livres, aqueles que seriam os do seu repouso, dedicava-se à lavra familiar de onde vinha o sustento diário. Do salário pouco se gastava. Era tão ínfimo que só ele o suportava.

Mas tinha algo de bom: atribuía aos filhos o correspondente abono de família. Era com os Kz 120.00 a que cada um dos filhos cadastrados tinha por direito que se comprava o vestuário escolar.

António Chico, filho mais velho de um desafogado negro cafeicultor e curandeiro tradicional, tinha a mania de não depender do harém paternal, pretender detestar a herança e trabalhar com as suas forças aquilo que seria o seu sustento e herança para a sua prole de sete. Foi assim que negou a fazenda do pai, carro e dinheiro vivo. De pouca instrução, mas bastante polido, Chico tinha uma visão global rica para o seu tempo. Formação académica e profissional eram, a seu ver, os caminhos para o sucesso.

E hoje quero recordar-me do saudoso António Fernando Dambi que, embora me tenha deixado ainda muito pequeno, me ensinou duas coisas na vida:

- Luciano!

- Pai.

- Ouve! Um homem nascido numa família como a nossa tem dois caminhos para ser Homem: a escola (formação académica) e a profissão.

- Stá bem pai. Mas assim vou ser então o quê pai?

Estuda! Quero que sejas professor para dar aulas também "nos" teus irmãos (entenda-se na aldeia todos éramos irmãos) e se faltar professor pra ti ponho-te na profissão!

Cumpridas as duas profecias daquele que seria hoje um "idoso" (nascera em 1940) tornei-me no homenzinho que julgo ser.

** O meu pai era tb. conhecido por António Chico*

A GRANDE MARCHA DO KAMBUTA



A última grande caminhada de que se lembra foi há vinte anos, quando teve de, em três dias, percorrer mais de 150km à pé.

Desalojados pelos aliados angolanos dos carcamanos, pais e filhos, na altura ele menor, tiveram de refugiar-se na montanha da Quibuma e de lá partir para o "exílio". Calulo estava em chamas.

Sem água, nem comida, sem roupas nem medicamentos para as feridas abertas por estilhaços duma granada, sem horizonte, apenas andar e afastar-se do ribombar de canhões e daquele cheiro cadavérico que os cercava.

Apenas andar, caminhar, correr sem para atrás olhar nem para o sangue que rompia as veias dos corpos torturados pelo susto e pelo sol do meio dia.

- Será que ainda estou vivo ou é um sonho. Me belisquem, ordenou Manuel Kambuta.

Nos seus 14 anos, Kambuta era já um homem destemido. Travara muitas guerras com bandidos do México, em Luanda, e mesmo nas missões de militares adultos para o Kissongo e Luaty estava sempre na primeira fila. Medo não era com ele, mas aquele dia, vigésimo sexto de Dezembro, era um caso ímpar. Manuel cortava a mata cerrada com o mesmo impacto que os obuses lançados a partir do quartel das mangueirinhas, agora tomado de surpresa pela guerrilha. Andar no mato nunca fora problema para ele, não fosse aquele andar sem rumo, a fugir de quem não se sabe de onde vinha nem por onde ainda podia estar escondido.

Depois de duas horas de convívio com canta-pedras, nas encostas da vila, Manuel Kambuta, o pai Kiala e a mãe Quiosa, puseram-se a caminho da Banza do Mussende. Entre palmares e cafesais foram revezando a picada com o asfalto

serpenteante, evitando ao máximo o contacto visual, à distância, com pessoas de quem fugiam.

O Bernabé foi atingido pela granada que me deixou ferido. Foi enterrado à pressa hora e meia. Uma bazuca se tinha apoderado da toca em que repartia com o tio Chico e ambos estavam a ser chorados. Apenas nos corações porque o vermelho do sangue ainda pintava as nossas mãos e forças não tínhamos para soltar a voz saudosa dos que partiram de forma inesperada.

As feridas expeliam ao máximo o sangue que podiam. Mussende estava à vista, pelo menos a elevação. Já se tinha remetido para trás o Km 5, o Keteculo, Kienha e outras aldeias que acompanham a negrura asfáltica que se desfaz em cursos de água, rumo à Munenga. Sem paixão, o sol rasgava os lábios. Riachos se tinham tornado em bocas de fogo. Apenas lagartos e outros rastejantes entre os rochosos leitões que um dia alimentaram vidas. Insectos voadores carregam a lama para fabricar seus ninhos e dar vida a seus semelhantes. Aos gritos resmungam os estômagos vazios. Nem bombó, nem coconote tínhamos podido apanhar. O destino era a banza do Mussende, o lugar escolhido para parar e olhar o que se deixara na fuga. Era preciso lavar as mãos, chorar os mortos, contar quantos perfazem a coluna e traçar o rumo seguinte. Se o retorno ou o avanço para uma terra que nos recebesse como mátria. Será Luanda?

Todas as informações recebidas, transmitidas de boca em boca, com acréscimos e decréscimos de palavras e frases inteiras, apontavam para um caos.

- Viste o mano Sabino? perguntou Manuel Kambuta a uma coluna que acabara de chegar ao Mussende.

...

- Epá! disseram-me que o sargento foi valente. Ainda conseguiu metralhar uns tantos fantoches, mas depois só teve mesmo é tempo de desmontar a agulha do ZG1 e meter-se a monte. Os filhos da puta vinham com muita força, reclamou Bala Icola, também ele um militar.

Na Banza se fez um acampamento provisório. O comité, o soba e outros aldeões ofereciam o máximo de compaixão e meios de que dispunham. Ainda reinava a solidariedade, mas a vida pendia para o pior. Até os caroços de dendén

escasseavam e as frutas silvestres eram disputadas entre homens e macacos. Era tanta gente e tanta necessidade. Procurava-se pelo que levar à boca, pelos desaparecidos, pelos sobreviventes e cura para os feridos enquanto o choro para os que partiram aguardava melhor momento. Aliás, os mortos perante o cenário estavam num descanso menos pesaroso.

Foi nesse ambiente que Manuel Kambuta se alistou noutra coluna de jovens que decidiu chegar ao Dondo, pela marcha, percorrendo mais de cento e cinquenta quilómetros. Essa foi a última caminhada inesquecível de sua vida, pois até Luanda ainda teve tempo de apanhar o último comboio daquela era.

Vinte anos passados, Manuel Kambuta, já sem a mãe Quiosa, agora pedreiro, numa esferoviteira brasileira, rememora as grandes andanças. O patrão dá-lhe dinheiro para passagem no taxi, sempre que o transporte de empregados avaria, mas a chuva, as estradas por acabar e a nova lei contra a arruaça fazem com que se ande mais à pé do que de carros que nunca chegam a tempo.

Manuel e Kakiezo, seu amigo de infância, levam 5 horas do Zango ao Benfica, em passo médio. Contornam curvas e charcos com mestria. Compensam curtas paragens com passos corridos. Conhecem o mapa do musseque melhor do que ninguém e nem mesmo a escuridão os engana. A lua, as estrelas e o sol fazem a vez do relógio. Numa mochila que carrega às costas, Manuel coloca o desodorizante, os sapatos e uma camisa que vestirá a poucos metros da empresa onde se vai juntar a outros colegas. Nas **Obras primas** ninguém pergunta a ninguém como chegou nem a que hora partiu de casa. O trabalho fala mais alto do que as condições de labor para um capataz de barriga cheia e farta calva.

_Cada um vira-se como pôde, desabafa o capataz Valdez.

É durante as pausas entre um bloco e outro ou uma fiada e outra que Manuel vê perfilarem no pensamento as incontáveis pessoas que se fazem à estrada em busca do pão burro de cada dia. Apenas uma questão não entende e se calhar jamais entenderá.

-Por que há tantos carros e cada vez mais gente a caminhar?

E eu o narrador nem resposta tenho.

AKUKU MAKAYA YA TEMA!



À mesa um despertador, à corda, barulhava no seu tic-tac-tic-tac a cada segundo que passava. No fundo ele era também um relógio destinado a marcar apenas a hora do almoço.

Os meus conhecimentos, aos 4 anos, se limitavam à hora treze. Era naquele momento em que ele gritava furiosamente, como um comboio descarrilado.

_Trimmmmmmmmmmmmm! vibrava ensurdecedor, às vezes, que a avó Kikumbo, já no limiar da sua maioridade, chegava a não perceber o mundo à volta.

_Nde no Ka muasene*, vociferava a velha aflita.

O almoço, este, estava sempre pronto antes daquela sineta que nos punha voluntariamente de pé e a correr, rumo à baixa, ao riacho inseminado de peixe de água doce que meu pai se gabava de ter sido o obreiro.

Estávamos na Fazenda Kitumbulo do meu avô Fernando Dambi ou Ngana Muriango onde se diz me terem encomendado para nascer, no **ango de Kuteka**, no óbito doutro meu avô, o materno, Canhanga Massaca ou Ngana Ñunji que era soba grande da Banza de Kuteka.

É pena que as minhas vivências com o avô Dambi tenham sido na primeira infância e o meu "saco" do passado carregar muito pouca informação, mas escreverei, um dia, sobre o toque de chamada daquele velho empenhado em trabalhos campestres ou consulta de adivinhação".

Primeiro tocava o despertador a que chamávamos de relógio de mesa, depois alguém tinha que pregar um enorme berro, à distância, com o código secreto:

- Akukuééééé, o makaya ya temééééé!***

E lá vinha ele, meio satisfeito por poder matar o bicho, meio aborrecido por não ter terminado a empreitada. E todos, filhos, netos e visitantes que eram frequentes, sentávamo-nos à mesa para o repasto seguido de makiakia para os mais-velhos.

A tarde, normalmente, era passada em conjunto no terreiro*** ou no corte de ngando (papiro) material para a confecção de esteiras e outros objectos de cestaria.

Enquanto aos sábados e domingos os homens adultos (sempre o avô, o pai, o tio César e outros visitantes) iam à caça com arcos, flechas e cães, nós, os miúdos, acompanhávamos as nossas mães à pesca com cestos ou aproveitávamos a ausência dos pais para as nossas aulas práticas de armadilhar perdizes, pacas, macacos, pássaros e pescarias com nassas e anzóis carregados de salalé e minhoca.

O Atenção, cão pastor alemão que meu pai tinha conseguido no patrão da fazenda Roussel, era o que mais caçava e por isso o mais querido da comunidade. Mas havia ainda o Tigre, o Tunga Laó, o Kelula e outros de cujas façanhas me lembro pouco. O meu querido Atenção, que teve durante a minha infância muitos charás, foi morto por uma onça depois de renhida peleja. Tanto o meu pai o curou que não resistiu aos ferimentos. Teve funeral humano com uma caixa e campa em reconhecimento dos seus feitos.

As noites, à volta da fogueira, os adultos eram autênticas bibliotecas de secular saber. Contavam-se adivinhas, estórias de animais e histórias de factos ocorridos num tempo de ouvir dizer. Da escrita pouca importância se dava, mas a oralitura era obrigatória. Saber desvendar a genealogia era uma perícia apenas dos bons filhos. Eram esses os intérpretes nas conversas adultas e nas longas viagens. Os mais velhos deixavam os monitores começarem com as perguntas e respostas dos mais novos... Uma aprendizagem que se processava por meio da repetição diária de um rosário costumeiro a que os anciãos acrescentavam novos elementos. Novos contos, novas fábulas e novas experiências que complementavam os já absorvidos pelos noviços... E havia pedagogia!

* *Vão chamá-lo!*

** *Avô, o tabaco à beira do lume quase que queima!*

*** *Local onde se secava e ensacava o café*

...TAMBÉM MEREÇO SER FELIZ...



... me desculpa só ué. Eu só a otra. Também mereço ser feliz...

A música alta, tocada num Toyota Hiace empanturrado de gente, transborda cá fora, cuspidando ritmos dançantes e reflexivos, enquanto no apertado recinto senhoras puritanas e libertárias se flagelam com farpas que se esticam ao autor material da proeza.

- Mas esse moço foi criado então aonde, que está a trazer essas suas modas de segunda? Interrogou dona Mingas António, devota católica e frequentadora assídua do santuário da Muxima para a retenção do fraudulento Ti-Xico.

- Mana Domingas deixa só. Retorquiu sua comadre e companheira de rezas e viagens, Madalena José, também procedente do santuário além Kuanza, onde pretende a guarda dum sepulcral segredo.

Madó, como é conhecida na paróquia, é devota, muito dada à caridade e trabalhos sociais na comunidade. A sua elegância contrasta com a vida pacata que leva. Mãe de dois filhos, sem pai, apenas confiados à benevolência do Padre Jacinto que os tem como afiliados.

Enquanto as devotas tentam se acalmar, ou no mínimo procurar fôlego para engolir o “também mereço” do Damásio, uma jovem põe “lenha na fogueira” e desbota:

- Hoje em dia homem já não é empresa privada. Se você tá dormir ou *mbora* engordar com as regalias, as “*outras*” também querem...

Mal tinha terminado a exposição, do lado da cabine, desata Manuela, dirigindo-se às devotas e acrescenta:

- Mamã, os tempos mudaram e os gostos também. Os tios agora gostam coisas que vocês nunca imaginaram fazer...

Domingas António meneou a cabeça e exclamou:

- *Issungi!* agora é assim? já não há mais respeito das mais velhas, até marido das vossas mães tão a receber e ainda vos acodem com música que as p... também merecem? Deus Nossa Senhora!

Entre o “conversa puxa conversa” uma autêntica confusão se instalou no Hiace perante a gratidão do cobrador que ia distribuindo odores fedorentos aos mais próximos.

- Esses jovens nem higiene laboral têm, possas! Mal o mecânico termina os trabalhos juro. Nunca mais essa merda! desabafa desgostoso, um quarentão.

A viagem prossegue. Com ela a “música do momento” que passa e repassa. Entre prós e contras se fomenta multi-logo e aumentam os volumes bocais. O que, cá fora, sai é já um turbilhão de vaias e elogios e palavras desencontradas. Sons paridos pelos altifalantes, gemidos do carro cansado e sufocado pelo excesso de peso e gritarias que procuram espaço num chilrear humano. Jovens atrevidos assobiam ao desgosto da senilidade ortodoxa.

À primeira paragem, Domingas António decide abandonar o carro e aliviar-se do sufoco. Junto à berma, uma orda de larápios a aguardavam com passos de fuga ensaiados. Mal dona Minga, com sacola a tiracolo, poisou o primeiro pé no chão, um atrevido espectou-lhe uma *kibiona* para a desconcentrar.

Aflita, entre resguardar a sanidade moral e a sacola, preferiu a primeira opção. Aliás nem tempo teve para pensar e a sacola com os haveres já repousava em mãos alheias.

- Socorro, é *ngombiri!*, socorro sô polícia! me levaram a pasta. Vociferava aflita.

A confusão reinante no interior do pseudotaxi estendeu-se à rua Revolução de Outubro, onde nem polícias, nem fiscais se aprontaram para o solicitado SOS. Os tempos estão mesmo mudados, atirou aos botões.

A sociedade impiedosa assistia impávida ao filme. O ladrão caminhava impune. E os carros se sucediam na paragem. Aos soluços ficou Domingas António, seguindo o

rasto da música que rumava ao São Paulo, destino daquele Hiace. Sempre com a “queta do momento” num vai e vem sem fim.

- Me desculpa só ué. Eu só a otra. Também mereço ser feliz...

O tema levado à Capela, ai na Dona Amália, virou motivo de reflexão caseira para um debate de mulheres de idade a ser moderado por Madalena José.

- Valerá apenas ceder ou vamos continuar a "*muximar*" para reter os nossos maridos? foi a pergunta da noite.

Dias passados a comadre Madó que ficou de animar o debate também surpreendeu o padre Jacinto com a sua melhor amiga, Maria, e a resposta tarda em chegar.

Até lá, outras prosas.

(na foto o rei Jacob e as suas "outras")

BARATOS & INFERNALIS

Se tivesse de viajar num azul-e-branco teria de gastar, ao fim do percurso que separa o Aeroporto 4 de Fevereiro ao Bairro Viana Nova, Akz. 400,00 divididos em 4 trechos de igual valor. Foi a pobreza momentânea que o forçou, naquele dia último da tolerância, a optar pelo transporte colectivo urbano.

Há muito não fazia tais enfrentamentos. Contava o seu calendário dois anos e meio desde que propositadamente fez o percurso Rangel/Viana para registar os cânticos anónimos. Mas de lá para cá muita coisa mudou. Pelo menos, dizia-se nos jornais, Rádio e Tv que muita coisa havia evoluído. Apregoaram-se autocarros limpos, equipados com AC, cómodos e silenciosos, com mais jornais em leitura do que falas soltas.

O primeiro machimbombo que por ele passou tinha as iniciais Segura a Gola d'Outro e estava apinhado de gente. Tudo quanto ouvira levaram-no e pensar que se tratasse de um funeral e não desistiu da espera. O segundo, da companhia Tira o Colete e Ultima a Luta, também rebentava pelas chaparias. Desesperado tentou enfiar-se por um espaço que restava entre pernas mal colocadas na pequena escadaria do pesasdo, mas sem sucesso. Desistiu.

Pagou os primeiros Akz.100,00 para um percurso aproximado de 2km. Encontrou uma agência bancária com multi-caixa e tentou a longa fila. Os Kuanzas acabaram e a reposição tardava com a mesma persistência com que o sol atingia o epicentro.

À saída da agência, colocou a mala sobre o lancil, à sobra duma velha acácia húmida de mijo. Riu de forma aberta, espantou os nervos e caminhou mais um trecho. Agora sem dinheiro e sem força nas pernas, Kambuta limpa a mala, esconde os óculos que o identificam com facilidade e mistura-se num aglomerado que aguarda pelos autocarros. Estava perante o último recurso.

- Não há escolha, introspectou.

Ao primeiro, da companhia Tira Ultima Risada e Anda, não titubeou e nem mesmo os passageiros à boca da porta o fizeram desistir. Estava já há duas horas na capital, tempo superior ao da viagem aérea em que transpôs mil quilómetros.

- Tomara que seja mesmo climatizado, falou aos botões.

Já dentro, os empurrões e os cheiros desencontrados davam-lhe as boas vindas.

Gelados de múcua, kikuanga, makayabo, kapuka madrugador, vômitos mal lavados e outras náuseas imundas fazia o cocktail fedorento.

- Moço, mi desculpa paizinho! toca à frente! ordenou a cobradora. Num lugar não distante da porta frontal, que servia de entrada, uma jovem nos seus virginais 15 aninhos reclamava:

- Possas! até cheiro de liamba? Para quê que não vão mbora à pé? Alguém tem de ver isso, disse desesperada.

Entre reencontros provocados pelas travagens repentinas e contorções da viatura que soluçava ao encontro dos enormes buracos deixados pela chuva recente na estrada repavimentada, os passageiros iam tomando contactos mais íntimos. Corpo a corpo e suor no suor, qual molhados de fogo da paixão.

Mais se parava, mais se falava e mais se ia trocando salivas das falas dispersas, deixando fervilhar no ar um perfume de aromas desconhecidos. E tudo mudava

Os penteados desfeitos pareciam noites intermináveis de amor da puberdade ao passo que outros cabelos, industriais ou herdados de indianas, jaziam também sapato abaixo, naquele chão, evocando aos fios o sofrimento que é uma viagem num machimbombo de Luanda.

Foi nesse clima que Kambuta reencontrou a capital, a horas da declaração da Tolerância Zero aos desmandos dos automobilistas. Os cintos de segurança, os porta-bebés, os macacos, os coletes reflectores, as chaves de rodas e outros apetrechos passam a ser obrigatórios e as penalizações vão até ao tecto de 2 anos de salário mínimo.

Nas ruas as más-línguas apregoam para o Primeiro de Maio um parlatório candongueiro no largo que acolheu a missa campal de Bento XVI na sua peregrinação por Luanda, à Cimangola, para reclamar das vindouras multas policiais.

As boas-línguas, porém, reforçam na media que ninguém mais abortará a aplicação da Mudança. Apregoa-se também, nos altifalantes públicos e privados de vocação pública, a inundação da cidade de novos autocarros. Políticos, empresários e

pseudo-empresários se revezam nas promessas e a “Revolução Viária” se torna palavra de ordem. A mesma ordem que ainda se confunde com a “gasosa” das muitas adiadas em conversas de cavalheiros.

Já em casa, Kambuta, maltratado pela viagem, é recebido apenas por uma das filhas que o reconhece pelas rugas no rosto.

- Como foi a viagem papá?

Terrível filha, terrível! Os autocarros são baratos mas bastante infernais, respondeu aborrecido.

PALAVRA MINHA



Hoje apago velas. Aos cinco anos ingressei na OPA. Era um ingresso directo que coincidia com a entrada na pré-escolar ou iniciação. Foi em 1981 na aldeia de Calombo, que distava sete quilómetros da fazenda Israel onde meus pais residiam e trabalhavam que tomei o primeiro contacto com um professor.

Depois mudamo-nos para o Rimbe. Terra nova, pouco habitada e sem escola. O percurso para fazer a primeira classe era de aproximadamente 4 quilómetros, pois a aldeia/fazenda de Israel tinha ganho um professor que trabalhava num antigo estábulo bovino improvisado de sala de aulas que acolhia pioneiros da pré à quarta classe. Era nosso guia o Zé Borracha.

Depois mudou-se o professor e o local da sala de aulas. Sempre uma para cinco classes. Estávamos no ano de 1983 e era professor Jorge Manuel Carlos "Caconda", também ele meu primo, tal como o Zé que fora marido duma prima minha, a Rosa Manuel. Estudávamos na mesma fazenda, mas noutra acampamento, junto ao campo de aviação. Quem conhece a Pedra Escrita conhece os locais. Em 1984 ainda com o professor Jorge a escola mudou-se para um descampado que intermediava a aldeia de João Salomão e do Velho Azevedo. Frequentava eu a terceira classe. Foi o melhor ano do ponto de vista do aproveitamento, mas o pior em termos de estabilidade militar. E começava a compreender as tantas vezes que o professor se escondia e furtava-se à missão de nos ensinar o que ele dizia ter vontade de transmitir. Queriam-no para as matas e ele negava-se curvar-se. Mantinha a verticalidade e sofríamos todos. Várias noites foram de regadio chuvoso, nas matas. Muitos quilómetros, à pé. Deslocamentos e

refúgios até que fomos a Luanda, ainda em 1984, carregados nas traseiras de um Ural militar...

Quem vive ou for a Luanda se perguntar a alguém que esteja acima dos trinta anos o que é/foi sabão "cocó", certamente encontrará alguém que lhe explique.

Sabão cocó eram restos industriais da fábrica de óleos e sabões Induve, em Luanda que os populares apanhavam, acrescentavam mais água e soda e desta mistura obtinham uma espécie de detergente líquido, mas bastante agressivo para a pele. Este produto eu comprei e vendi com os meus 10/11 anos.

Eram tempos difíceis, tal como retratam as peripécias vividas pela "Maria Coragem". Baptizado nas vivências de Luanda durante 3 anos, fui, contra vontade, enviado a Calulo onde a diferença social me transformariam no "jovem ideal" e vivi com um primo alfaiate (Gonçalves Carlos) tendo com ele aprendido a arte de talhar tecidos e costurar. A alfaiataria marcou os anos de 1987/90.

A guerra, porém, e o desejo de transpor a sexta classe fizeram-me viajar, mais uma vez para Luanda, tendo feito continuidade à alfaiataria com outro tio, Ramos Ngunza, e feito um curso de electricidade de baixa tensão. Transcorriam os anos de 1991/92. Luanda vivia a euforia dos acordos de Bissesse que puseram fim à guerra entre MPLA/Governo e UNITA.

O povo fartava-se de rir, pelo menos em Luanda quando no interior o medo tomava conta daqueles que se tinha abtido das matas e das rapinas. De repente os militares de farda verde, e comandos castrados tomaram conta dos hotéis onde bangozamente viviam vidas nunca ensaiadas em solo pátrio. Os comités pilotos substituíram o trabalho da polícia e uma simples queixa podia resultar em morte sumária. Da televisão e radiofusão ecoavam ameaças de somalizar ou incendiar...

Em 1992 fiz a minha estreia como educador primário. Primeiro dando aulas de superação (explicação) e depois no ensino público. Da minha improvisada escola de superação nasceram empregos para amigos.

Em 1997, terminado o médio de jornalismo, comecei a trabalhar como jornalista na LAC e hoje já são tantas as publicações em que tenho impressão digital ou vocal. Hoje estou aqui como responsável da área de comunicação institucional de uma

grade empresa (risos), pelo caminho fui estudando e parando, mas sempre pensando no avanço. Parar é morrer!

Tenho duas licenciaturas por defender; uma no ISCED e outra na UPRA mas se houver vida uma delas conseguirei.

Tal como muitos sofredores e vencedores desta Angola, sempre defendi que filho de pobre tem apenas duas saídas: aprender profissão/ões e aumentar o nível técnico/académico.

Deus e o meu esforço permitiram com que homens de boa vontade me pudessem ajudar (mantendo-me empregado), mas tal como diz um ditado popular da nossa região, "quem se afoga deve ajudar o socorrista".

Um abraço.

A FESTA, A LUTA E O LIXO



Já há muito não se ouve a buzina aguda de um camião recolector de lixo ou as toscas acelerações de um tractor agrícola adaptado às crateras periurbanas para o saneamento doméstico. Qualquer moda não custa pegar e os miúdos dos musseques, cumprindo as orientações paternas e da Tv, em que muita confiança depositavam, se tinham habituado a deixar o lixo à porta para ao primeiro sinal de presença do carro ou do tractor correrem de lebre com o balde ou o saco preto à cabeça.

Os dias se foram sucedendo e os homens da câmara ora passavam de manhã, ora à tarde, ora à noite, ora nunca. Depois vieram as semanas e era dia sim, dia não e dias nunca até que o povo desabituou.

Da porta inundada e a pôr vergonha nas visitas de longe, o lixo foi ganhando pernas. Foi sendo levado à rua. À berma, junto ao lancil ou mesmo disputando espaços no passeio ou no pavimento asfáltico carcomido pelas águas sem esgotos e os Hiacés apressados amassava-o fazendo das estradas lagos de podridão. Homens, ratos e vermes paridos por insectos disputavam soberanias caseiras. E a solução escondida nos gabinetes tardava libertar-se, até que um dia vieram homens.

De coletes reflectores, cones ensanguentados, fardas multi-cores e vassouras empunhadas em braços cansados. Sôfregos, sedentos e mal-nutridos, andrajosos até. Calcanhares ao sol numa rua poeirenta duma cidade já sem nome. Ninguém encontra nela as condições duma capital ou ninguém, com vergonha, o quer pronunciar. À noite olha-se para o céu, claro ou escuro, e logo se descobre na presença ou ausência do astro o nome da cidade. Apenas a empresa em que pertence o mahindra com o atrelado rebentado de lixo e de zelo tem nome. Mas o tractor vai plantando-o pelas ruas em que passa, qual rastilho de cal num alinhado campo de futebol. E assim se dá continuidade fétida, à pódrida Avenida da Brigada.

Aquela brigada de varredores tinha tudo menos a missão de higienizar. E vários dias foram passando aumentando os sacos pretos, à berma, que aumentavam as dificuldades aos pagadores de taxa de circulação. O mahindra repassava hora e hora sem nunca parar. Os homens nele pendurados fingiam-se cegos aos montes que disputavam os alpes. O mahindra limitava-se a deixar cair outros restos trazidos de cadiengues caseiros. Esferovites, papelões, entulhos e restos de betão inutilizado. Das letras que restavam na memória das crianças apenas se podia descortinar a palavra Solamber que era o nome da empresa.

Na madrugada da semana seguinte sacos, papelões e restos de carros vergastados pelo tempo repousam ali. Na rua Sardão Mariano, ao bairro do Soares. Espera-se pelos homens das pás e camiões de caixas sanitárias, mas a única vida que se faz presente é uma Hilux de dupla cabina, climatizada e com dois cipaio de luvas sujas. Atiram os possíveis sacos, bem tratados, à carrinha e seguem o seu caminho. O resto repousará aí mais uns dias até que as larvas fecundem ratos e estes comam gatos.

– Devem ser da fiscalização, admiram-se os moradores. Mas onde estará o grosso da equipa? Interrogam-se ainda. Alguém viu a etiqueta dos que passaram por aqui? Ninguém responde, ninguém viu, apenas as lunetas dum zungueiro benguelense para soletrar na distância.

- Mano, parece que é Kixiarrasquem. Essa empresa é bué. Até o lixo vai no carro de luxo...

E o que ficou quem o leva? Perguntam-se ainda hoje.

Nas Perninhas e na rua do escravo Lino os dias são de disputas renhidas entre ratos famintos e gatos fartos. Gatos que fingem correr com os ratos mas que se abastecem destes. Ao raiar do sol aparecem primeiro os verdinhos empurrando barrigas. Tentam sensibilizar que o local não é para nguendas. Instruem o Zé Pequeno que de chapéu feito balaio na igreja recolhe as gorjetas a troca de paz. Surgem depois os cadetes aos pares. Gato e gata. Montam postos ou posições. Agitam os porretos e corre-se sem nexo. Cai-se. Atropela-se. Cobra-se. Paga-se. Maltrata-se. Cansados, cadetes e verdinhos retiram-se para uma tasca ou taberna escondida e sorvem líquidos multi-efeitos.

O porrete volta a falar a sua língua predilecta. Os aflitos obedecem correndo, deixando para trás os seus pertences e o jantar dos ratinhos desprovidos do matabicho, mas não tarda reúnem-se à volta dos gatinhos, também eles desinteressados no filme.

De repente desponta um homem gordo, de casaco preto, se calhar conseguido numa zunga ou numa cobarde rusga e transportado num Prado de favor cor de cinza. O homem exhibe ares de chefia e pergunta autoritário aos dois gatinhos azulados:

- Estão a dar reбуçados?

- Não chefe! Respondeu o que se achava mais atrevido ou menos constrangido à pergunta do chefe à paisana.

-E então? Voltou a questionar o homem exibindo um grosso fio de ouro no braço direito e os dentes amarfinados.

- Chefe de cada vez que enxotamos parece que estão a vir mais outras.

Fingindo não ouvir a resposta o inspector acenou ao chauffer para seguir a marcha em velocidade lenta. E foi vendo a cena coçando a barbicha algodoada de muitas ordens colhidas ao vento.

E o povo vê no retrovisor do Pardo a contínua luta entre os ratos famintos e os gatos desinteressados.

Depois do anoitecer, são dezanove e cinquenta e nove. Na nacional toca o ti-rim-rim, rim-rim-rim-rim! Dentro de segundos será o pioc-pioc-pioc. Carlitos Vasculhões vai pegar no comunicado superior e começar as kuribotas do dia. Hoje o povo está atento porque já andou ao adivinho todo mês para lhes dizer quem entra e quem sai na nguvulação. Desta vez querem gente que sabe trabalhar. Gente que vive nos bairros e que sabe como é viver na mesma cama com o mosquito da lama do tubo rebentado, com o rato do lixo não recolhido, com a barata da fossa entupida e com a constipação da poeira da obra suspensa... Esses sim, merecem a nossa comemoração.

E o povo está atento ao noticiário enquanto outros estão na internet do português magalhães. E a lista começa. Sua excelência o comandante de tropa e sobra grande

usando da faculdade que lhe é conferida nos termos da alínea X do artigo Y da lei K... e o locutor avança na contextualização da jurisprudência perante a impaciência da Tia Zefa e clientela da barraca.

- Possas, mas sempre os da mesma faculdade já ninguém mais que estudou aqui no IMEK ou no Makarenko?

Mas o radialista não liga à crítica, até porque não os houve. Mantém-se atento à ordem do papel e atira: Dr. Nza Kutimbe para o cargo de administrador do Kilamba Kiaxi. No cabrité vizinho umas palmas e entornam-se goles de Primus pela sorte do conterra e a possibilidade de mais umas facilidades. Na barraca da tia Zefa uns muxoxos e dores de cotovelo.

- Mas esse então mora aonde. Faz o quê? Sempre a se puxarem sacanas de merda...

O rádio vomita outros nomes e o povo reage quase de forma combinada. Estalidos bocais e assombros nuns, palmas e assobios noutros locais.

Engenheiro Francisco Mala Grande para administrador do Rangel... Para Viana foi nomeado o camarada Povo Mulato...

Já tonto de nomes desconhecidos o povo reclama:

- Sempre os mesmos. Cipaio de anteontem, chimbas de ontem e fiscais de hoje. Nada mais sabem fazer do que correr com as nossas mães no Tira Cuecas e no Bota Larga, quando os empregos que surgem, mesmo nas obras, são apenas para os filhos e afilhados deles e as bancadas das praças do povo para as amantes e outras rabugentas... Tia Zefa, dá-me uma Soba Catumbela que vou festejar a desgraça do lixo que está sempre a subir!

E a festa continua. Uma cratera, um cabrité. Brotam moradias, brotam mercados. Novas estradas, novos charcos. Mais convivas se juntam à festa, vindos de distâncias incontáveis.

REVIVIDAS "AULAS" DA PROFESSORA GABY ANTUNES



Ex-alunos do curso médio de jornalismo do IMEL (agora curso médio de Comunicação Social), ex-estudantes e estudantes do ISPRA (agora UPRA) que passaram pelas "mãos" da finada professora Gabriela Antunes renderam ontem, dia 08.07.09, uma homenagem àquela que consideram ser a sua professora-mãe.

A sala de projecções do IMEL, em Luanda, acolheu o acto brindado pela presença do vice-Ministro da Comunicação Social que procedeu à abertura do evento. Miguel de Carvalho "Wadijimbi" recordou que também foi aluno da professora Gaby e que ela foi pioneira do curso médio de jornalismo, fundado em 1983 no então Instituto Karl Marx Makarenko. O governante apelou aos presentes para a criação de uma associação sem fins lucrativos, Gabriela Antunes, como forma de perpetuar a sua memória.

Jorge Antunes Gomes, professor universitário, filho e também aluno esteve presente e falou sobre a experiência de ser **filho-aluno** da homenageada.

Mais de meia centena de pessoas marcaram presença, destacando-se, alunos da professora, convidados e outros interessados na tertúlia em que foram recordados os bons e os "maus" momentos vividos na relação com a docente. Uma aula gravada foi ouvida e uma mensagem dos organizadores foi lida no fim do acto. Eis o texto redigido e lido pelo autor deste blog:

“Baptizaram-na Maria mas, dizia que seus alunos não podiam ser *marías* nem casar com *marías*.

Quer viessem da cidade ou da periferia, tratava os seus alunos de igual forma e quando não soubessem o obvio tratava-os por **atrasados mentais**.

Incentivava-os à leitura, quer viessem de famílias com nome ou sobrenome. Apelava à ambição. Uma ambição medida que tivesse por base apenas a competência, e que respeitasse a ética e os competidores, quando esses existissem.

Fez da elevação da cultura das novas gerações o seu cavalo de batalhas. Escreveu livros, ministrou aulas e seminários, promoveu eventos e fez homens.

Homens e mulheres que hoje desenvolvem o país, nas ares do pensamento e saber, no ensino, na medicina, nas ciências e até nas engenharias. Basta olhar para as redacções dos órgãos de comunicação social e nos CDI's dos ministérios e empresas. Em cada canto há um que dela bebeu conhecimentos técnicos e académicos e ensinamentos da vida.

A sua obra é estudada além fronteiras em universidades de Renome...
É de Maria Gabriela da Silva Antunes que falamos. A Professora Gaby. A nossa mestre-mãe.

Tratava-nos a todos como filhos. Pois ela tinha um único ventre: A formação do homem novo dotado de responsabilidade e “bien fair”. E cá estamos hoje para lhe render a merecida homenagem neste que seria o dia do seu 72 aniversário.

Quis Deus levá-la mais cedo. Antes mesmo de nos dar a última aula aqui no IMEL ou na UPRA. Mas tê-la-emos presente sempre que nos lembrarmos de onde viemos, onde estamos e para onde vamos.

Queremos ressaltar as qualidades daquela professora que procurava inculcar a excelência entre os seus pupilos.

A instrutora abnegada que não olhava a salários nem a pertences materiais para cumprir a sua missão.

Gerações várias por ela passaram. Connosco ficou o legado. Vamos levar avante o estandarte desta bandeira.

Se a sua partida para o descanso foi para nós uma tristeza, estar aqui hoje para recordar os feitos da Professora Gaby é a melhor prenda que atribuímos a cada um de nós.

E é dentro de nós que resiste a pergunta que em unísono lançamos àqueles que fazem o país acontecer: **Se com vida Portugal lhe “deu” uma rua, porque tarda tanto surgir uma escola ou Centro Cultural Gabriela Antunes?”**